

ESTANTE DE REFERÊNCIA

O Segredo da Infância

MARIA MONTESSORI · 1936

Tradução livre e inédita da Guilda dos Heróis Únicos, feita a partir da primeira edição inglesa (1936). Maria Montessori morreu em 1952; a obra está em domínio público no Brasil desde 2023.

Tradução em andamento: por enquanto, o Capítulo 1 e parte do Capítulo 2. Os próximos capítulos entram aqui assim que ficarem prontos.

Sobre esta tradução

Esta é uma tradução livre e inédita de The Secret of Childhood (Londres: Longmans, Green & Co., 1936), primeira edição publicada do livro, preparada por Barbara Barclay Carter em estreita colaboração com Maria Montessori. Não reproduz nem adapta nenhuma tradução brasileira publicada.

Domínio público. Maria Montessori morreu em 6 de maio de 1952, e Barbara Barclay Carter, em 4 de setembro de 1951. Pela Lei de Direitos Autorais brasileira (Lei 9.610/98, art. 41), as duas ficaram em domínio público no Brasil: Carter em 2022 e Montessori em 2023. Os textos originais e a edição de 1936 podem, portanto, ser traduzidos livremente no Brasil.

Por que a edição de 1936. A edição italiana (Il segreto dell'infanzia, Garzanti, 1950) não está disponível em acesso aberto. A edição inglesa de 1936 é a primeira versão publicada do livro e está disponível na íntegra. Algumas passagens podem diferir da versão italiana posterior, que Montessori revisou.

O que foi traduzido. O livro inteiro: três partes e dez capítulos. A dedicatória original diz: "A Saraladevi Sarabhai, a mãe montessoriana ideal, que se dedicou à causa da criança na Índia."

Critérios.

- Linguagem clara e atual, fiel ao sentido e ao tom do original, sem tradução palavra por palavra.
- Os termos técnicos de Montessori foram mantidos com a forma consagrada em português: períodos sensíveis, embrião espiritual, normalização, desvios psíquicos.

- Os intertítulos seguem o sumário original. Os destaques em negrito foram acrescentados pela tradução para facilitar o estudo em grupo.
- As notas do tradutor aparecem entre colchetes, marcadas como `[N. T.:]`.

Fonte do texto original: Internet Archive — Digital Library of India. Datas de Carter: London Remembers.

PARTE I — O EMBRIÃO ESPIRITUAL

CAPÍTULO 1

A criança hoje

> *"Exige-se com demasiada frequência que as crianças se ajustem ao mundo, já treinadas e atentas. Mas seria mais acertado que o mundo se ajustasse às crianças em todo o seu trato com elas."*
>
> — Alice Meynell, The Unready

O século da criança

O progresso espantosamente rápido no cuidado e na educação das crianças nos últimos anos pode ser atribuído em parte a um padrão de vida geralmente mais alto, mas ainda mais a um despertar da consciência. Não há apenas uma preocupação crescente com a saúde infantil — que começou na última década do século XIX —, mas também uma nova consciência da personalidade da criança como algo de suma importância. Hoje é impossível aprofundar-se em qualquer ramo da medicina, da filosofia ou da sociologia sem levar em conta a contribuição trazida pelo conhecimento da vida infantil. Um paralelo, em escala menor, é a luz que a embriologia lançou sobre a fisiologia em geral e sobre a evolução. Mas o estudo da criança, não em seu aspecto físico, e sim em seu aspecto psicológico, pode ter uma influên-

cia infinitamente mais ampla, que se estende a todas as questões humanas. Talvez encontremos na mente da criança a chave do progresso e, quem sabe, o início de uma nova civilização.

A poeta e escritora sueca Ellen Key profetizou que o nosso século seria o século da criança. E quem tivesse paciência de vasculhar documentos históricos encontraria a mesma ideia no primeiro discurso do rei Vítor Emanuel III da Itália, quando, em 1900, na virada do século, ele subiu ao trono após o assassinato de seu antecessor. Ele falou da nova era que começava com o novo século e também a chamou de Século da Criança.

Tudo indica que esses vislumbres quase proféticos nasceram da impressão causada pelas investigações científicas dos últimos dez anos do século XIX: da imagem que davam da criança doente, dez vezes mais exposta que o adulto à morte por doenças infecciosas, ou da criança vítima de escolas severas. Ninguém poderia prever, então, que a criança guardava dentro de si um segredo da vida, capaz de levantar o véu dos mistérios da alma humana; que ela representava uma incógnita cuja descoberta talvez permitisse ao adulto resolver seus problemas individuais e sociais. Esse aspecto pode vir a ser o fundamento de uma nova ciência do estudo da criança, capaz de influenciar toda a vida social do homem.

A criança e a psicanálise

A psicanálise abriu um campo de pesquisa antes desconhecido, trazendo à luz os segredos do inconsciente, mas não trouxe solução prática para os problemas urgentes da vida. Ainda assim, pode nos aju-

dar a compreender a contribuição que se esconde na vida oculta da criança.

A psicanálise, por assim dizer, rompeu o córtex da consciência, que a psicologia até então considerava um ne plus ultra — como as Colunas de Hércules na Antiguidade, que, para os navegantes gregos, eram o limite além do qual a superstição situava o fim do mundo.

A psicanálise sondou o oceano do inconsciente. Sem essa descoberta, seria difícil explicar ao grande público como a mente infantil pode ajudar num estudo mais profundo dos problemas humanos. Como se sabe, a psicanálise nasceu como uma nova técnica para curar doenças mentais e era, portanto, um ramo da medicina. Fez uma descoberta verdadeiramente esclarecedora ao estabelecer o poder do inconsciente sobre as ações humanas. Foi, por assim dizer, um estudo das reações psíquicas por trás da consciência, de respostas que trazem à luz fatores ocultos e realidades insuspeitadas, revolucionando as ideias aceitas. Elas revelam a existência de um mundo desconhecido de vasta extensão, ao qual, pode-se dizer, está ligado o destino do indivíduo. Mas a psicanálise não consegue explorar plenamente esse mundo desconhecido. Na época de Charcot, no século passado, a psiquiatria descobriu o subconsciente. Assim como num vulcão os elementos fervilhantes do núcleo da terra abrem caminho até a superfície, viu-se que o subconsciente se manifestava, em casos excepcionais, nos estados mais graves de doença mental. Por isso, seus estranhos fenômenos, em conflito com as manifestações da consciência, eram considerados apenas sintomas de doença. Freud seguiu o caminho contrário. Com uma técnica trabalhosa, encontrou o modo de penetrar no inconsciente, mas, até recentemente, também ele tendia a

se limitar ao domínio da patologia. Pois quantas pessoas normais se submeteriam de bom grado às dolorosas provas da psicanálise — a uma espécie de operação na alma? Foi, assim, a partir do tratamento de doentes que Freud deduziu suas teorias psicológicas, e a nova psicologia foi em grande parte construída sobre deduções tiradas da anormalidade. Por isso, as teorias de Freud se mostraram insuficientes, e sua técnica de tratamento também não foi inteiramente satisfatória, pois nem sempre levou à cura das "doenças da alma". Em consequência, as tradições sociais, que são o depósito de uma experiência antiga, ergueram-se como barreira contra certas generalizações da teoria freudiana. Talvez a exploração da vasta realidade do inconsciente exija algo bem diferente de uma técnica de tratamento clínico ou de deduções teóricas.

O segredo da infância

A tarefa de sondar esse oceano do inconsciente cabe a outros ramos da ciência e exige outra abordagem: o estudo do homem desde suas origens, num esforço para decifrar, na alma da criança, seu desenvolvimento em conflito com o ambiente e para conhecer o segredo dramático ou trágico das lutas pelas quais a alma humana ficou desfigurada e obscurecida.

A psicanálise tocou esse segredo. Uma das descobertas mais impressionantes devidas à sua técnica foi a de que uma psicose pode ter origem na idade distante da primeira infância. As lembranças evocadas do subconsciente provaram que na infância havia sofrimentos diferentes dos comumente conhecidos, tão latentes na consciência e

tão distantes das ideias aceitas que sua descoberta foi a mais impressionante e perturbadora de todas as descobertas da psicanálise. Esses sofrimentos eram de ordem puramente psíquica, lentos e constantes; nunca tinham sido reconhecidos como fatos capazes de levar a doenças psíquicas na personalidade adulta. Nasciam da repressão da atividade espontânea da criança pelo adulto que tinha autoridade sobre ela e, portanto, deviam ser associados ao adulto de maior influência: a mãe.

Precisamos distinguir com clareza os dois planos de investigação abrangidos pela psicanálise. Um, mais superficial, abrange o choque entre os instintos do indivíduo e o ambiente ao qual ele deve se adaptar. Esse conflito pode ser resolvido, pois não é difícil trazer à consciência as causas perturbadoras que estão abaixo dela. Mas há também outro plano, mais profundo: o das lembranças da primeira infância, em que o conflito não é entre o homem e seu ambiente social presente, mas entre a criança e a mãe — ou, de modo geral, entre a criança e o adulto. Esse conflito pode levar a doenças muito mais difíceis de curar. Em todas as doenças, físicas e mentais, reconhece-se hoje a importância dos acontecimentos da primeira infância. Mas aqui é preciso outro método que não a psicanálise. A própria técnica de sondar o inconsciente, que permite descobertas no caso dos adultos, torna-se um obstáculo no caso da criança. A criança, que por natureza não se presta a essa técnica, não precisa lembrar sua infância. Ela deve ser observada, e não analisada — observada do ponto de vista psíquico, num esforço para identificar o conflito pelo qual passa em suas relações com os adultos e com seu ambiente social. É claro que essa abordagem nos afastará das teorias e técnicas psicanalíticas, le-

vando-nos a um novo campo de observação da criança em sua existência social. Não se trata dos labirintos tortuosos de uma mente doente, mas da vasta extensão da vida humana em sua realidade, centrada na vida psicológica da criança. Pois o problema prático abrange toda a vida do homem, tal como ela se desenvolve a partir do nascimento.

Ainda está por ser lida a página da história humana que narra as aventuras do homem enquanto mente: a da criança que, por meio dos sentidos, encontra obstáculos e se vê envolvida em conflitos insuperáveis com o adulto, mais forte que ela, que a domina sem compreendê-la. Era uma página em branco, à espera da história dos sofrimentos não percebidos que convulsionam a existência espiritual intacta e delicada da criança, organizando em seu subconsciente um homem inferior, diferente do que a natureza pretendia.

A psicanálise ilumina essa questão complexa, mas não a resolve. Ela trata principalmente da doença e do tratamento corretivo. O problema da psique infantil contém algo de preventivo em relação à psicanálise, pois diz respeito ao trato normal e geral da humanidade infantil — um trato que ajuda a evitar obstáculos e conflitos e, portanto, suas consequências: as doenças psicológicas tratadas pela psicanálise, ou aqueles desajustes morais que se estendem a quase toda a humanidade.

Em torno da criança, portanto, surgiu um novo campo de exploração científica, distinto da psicanálise, seu único paralelo. Ele implica essencialmente uma forma de assistência à vida psíquica da infância e se ocupa da normalidade e da educação. Sua característica é, assim,

a investigação de fatos psicológicos ainda desconhecidos sobre a criança e, ao mesmo tempo, o despertar do adulto, que, em relação à criança, adota atitudes equivocadas enraizadas no subconsciente.

Acusação

A palavra repressão, usada por Freud para indicar as origens profundas das perturbações psicológicas no adulto, explica-se por si mesma.

A criança não consegue se expandir da maneira exigida por um ser em desenvolvimento, porque o adulto a reprime. "O adulto" é uma abstração. A criança está isolada na sociedade; assim, se um adulto a influencia, é um adulto concreto, o mais próximo dela: primeiro a mãe, depois o pai, depois os professores.

A sociedade atribui aos adultos um papel bem diferente, dando-lhes o mérito pela educação e pelo desenvolvimento da criança. Ora, ao contrário, a sondagem das profundezas da alma traz à luz uma acusação contra aqueles que eram reconhecidos como guardiões e benfeitores da humanidade. Mas, como quase todos são pais ou mães, e muitos são professores ou encarregados do cuidado de crianças, a acusação abrange o mundo adulto em geral, a sociedade responsável pelas crianças. Essa acusação espantosa tem algo de apocalíptico; é misteriosa e terrível como a voz do Juízo Final: "Que fizestes das crianças que vos confiei?"

A primeira reação é de autodefesa, de protesto: "Fizemos o nosso melhor. Amamos nossos filhos. Nos sacrificamos por eles." E isso põe

lado a lado duas atitudes em conflito, uma consciente, a outra vinda do inconsciente. A defesa é conhecida, é antiga e enraizada, e não nos interessa. O que interessa é a acusação, ou melhor, aqueles a quem ela se dirige. Eles lutam e se esforçam para aperfeiçoar o cuidado e a educação dos filhos e se veem presos numa rede de problemas, porque não conhecem o erro que carregam dentro de si.

Todos os que defendem a causa da criança devem sustentar essa acusação contra o adulto — uma acusação sem remissão, sem exceção. E, de repente, essa acusação se torna um centro de interesse fascinante. Pois denuncia não apenas erros involuntários, mas erros de que somos totalmente inconscientes e, por isso, nos engrandece, levando-nos à descoberta de nós mesmos. E todo verdadeiro avanço vem da descoberta e do aproveitamento do desconhecido.

Por essa razão, em todas as épocas, a atitude dos homens diante de seus próprios erros foi contraditória. Todos se ofendem com o erro consciente e se sentem atraídos e fascinados pelo erro desconhecido. O erro desconhecido guarda o segredo de um progresso que vai além da meta conhecida e desejada, e nos eleva a um plano superior. Assim, o cavaleiro medieval, pronto a duelar à menor acusação que ferisse seu código consciente, prostrava-se diante do altar dizendo humildemente: "Sou culpado, declaro-o diante de todos, e a culpa é só minha." A Bíblia dá exemplos interessantes dessas contradições. O que levou a multidão a cercar Jonas em Nínive, de modo que o rei e o povo se encheram de entusiasmo e lotaram as ruas atrás do profeta? Ele os proclamava pecadores tão terríveis que, se não se convertessem, Nínive seria destruída. Como João Batista atraía as multidões às

margens do Jordão, que palavras sedutoras usava para obter uma afluncia tão extraordinária? Chamava-os de "raça de víboras".

Eis um fenômeno espiritual: homens que acorrem para se ouvir acusados. E, ao fazê-lo, consentem, admitem sua culpa. Há acusações duras e insistentes que chamam o inconsciente à consciência; todo desenvolvimento espiritual é uma conquista da consciência, que assume em si o que antes estava fora dela. É assim, de fato, que a civilização avança: por descobertas sucessivas.

Ora, se a criança deve receber um tratamento diferente do que recebe hoje, para salvá-la de conflitos que põem em risco sua vida psíquica, há um primeiro passo, fundamental e essencial, do qual tudo depende: a transformação do adulto. De fato, se o adulto já está fazendo tudo o que pode e, como dirá, ama a criança a ponto do sacrifício, ele reconhece que está diante de um problema insuperável. Precisa necessariamente buscar além do que é conhecido, voluntário e consciente.

Também na criança há muito de desconhecido. Há uma parte da alma infantil que sempre foi desconhecida e que precisa ser conhecida. Também na criança é necessária a descoberta que nos levará ao desconhecido. Pois, além da criança observada e estudada pela psicologia e pela educação, resta a criança desconhecida. Precisamos buscá-la com entusiasmo, como quem sabe de um ouro escondido e explora terras desconhecidas e move montanhas em busca do metal precioso. É isso que o adulto deve fazer ao buscar esse algo desconhecido oculto na alma da criança. É um trabalho de que todos devem

participar, sem distinção de casta, raça ou nação, pois significará trazer à luz um fator indispensável ao progresso moral da humanidade.

O adulto não compreendeu a criança nem o adolescente e, por isso, está em luta contínua com eles. O remédio não é o adulto aprender algo intelectualmente ou completar uma cultura deficiente. Ele precisa encontrar outro ponto de partida. O adulto precisa encontrar em si mesmo o erro até então desconhecido que o impede de ver a criança como ela é. Se faltar essa preparação, e se ele não tiver adquirido a disposição que ela implica, não poderá avançar. O ato de autoconhecimento não é tão difícil quanto se supõe, pois todo erro, mesmo inconsciente, significa sofrimento e angústia, e uma simples indicação do remédio desperta a percepção de uma necessidade aguda. Assim, quem tem um dedo deslocado sente necessidade de colocá-lo no lugar, pois percebe que a mão não funcionará nem a dor cessará até que isso seja feito. Do mesmo modo, assim que compreende seu erro, o homem sente necessidade de pôr a consciência em ordem, pois a partir desse momento a fraqueza e a dor que suportou por tanto tempo se tornam intoleráveis. E, feito isso, tudo se torna fácil. Assim que nos convencemos de que tínhamos nos atribuído mérito demais, de que nos julgávamos capazes de fazer o que estava além de nossa esfera e de nossas possibilidades, torna-se possível e interessante reconhecer as características de almas tão diferentes da nossa quanto as das crianças.

O adulto tornou-se egocêntrico em relação à criança — não egoísta, mas egocêntrico. Considera tudo o que afeta a psique da criança do ponto de vista de sua referência a si mesmo e, assim, a compreende mal. É esse ponto de vista que leva a considerar a criança como um

ser vazio, que o adulto precisa preencher com seus próprios esforços; como um ser inerte e incapaz, para quem tudo deve ser feito; como um ser sem guia interior, que o adulto precisa conduzir passo a passo, de fora. Por fim, o adulto age como se fosse o criador da criança e julga o bem e o mal nas ações dela pela relação consigo mesmo. O adulto é a pedra de toque do bem e do mal. É infalível; é o bem pelo qual a criança deve se moldar. Qualquer afastamento da criança em relação às características do adulto é um mal a ser corrigido depressa. E, ao adotar essa atitude, que anula inconscientemente a personalidade da criança, o adulto sente-se convicto de seu zelo, de seu amor e de seu sacrifício.

CAPÍTULO 2

O embrião espiritual

Prólogo biológico

Quando Wolff anunciou suas descobertas sobre a segmentação da célula germinativa, lançou nova luz sobre o processo de criação dos seres vivos e, ao mesmo tempo, tornou possível verificar, por observação direta, a existência de forças interiores que trabalham segundo um plano predeterminado. Foi ele quem derrubou certas ideias filosóficas, como as de Leibniz e Spallanzani, segundo as quais o germe conteria em miniatura a forma completa da futura criatura. Supunha-se que no óvulo, isto é, desde o início, já estivesse formado, ainda que de modo imperfeito e em proporções infinitesimais, o ser que se desenvolveria se fosse colocado num ambiente favorável. Essa ideia vinha da observação da semente da planta, que contém, escondida entre os dois cotilédones, uma plantinha em que se reconhecem raiz e folhas e que, posta na terra, se desenvolve na nova planta. Supúnha-se que um processo análogo valesse para os animais e para o homem.

Mas quando Wolff, depois da descoberta do microscópio, pôde observar como um ser vivo realmente se forma (começou observando embriões de aves), descobriu que o primeiro estágio é uma simples célula germinativa, na qual o microscópio, justamente por seu poder de tornar visível o que é invisível a olho nu, mostra que não existe forma

preexistente alguma. A célula germinativa, resultado da união de duas células, masculina e feminina, consiste apenas em membrana, protoplasma e núcleo, como qualquer outra célula; na verdade, é apenas uma célula simples, em sua forma mais primária, sem nenhuma diferenciação visível. Todo ser vivo, planta ou animal, provém de uma célula primária, simples e indiferenciada. A plantinha dentro da semente é um embrião que já se desenvolveu a partir da célula germinativa; completou suas fases iniciais no fruto, de onde a semente madura caiu na terra.

A célula germinativa, no entanto, possui uma propriedade das mais singulares: a de se subdividir rapidamente, e de se subdividir segundo um plano preestabelecido. Mas desse plano não há o menor vestígio na célula original. Se acompanharmos os primeiros desenvolvimentos do embrião animal, veremos a primeira célula se dividir em duas, essas duas em quatro, e assim por diante, até formarem uma espécie de bola oca, chamada mórula, que em seguida se dobra para dentro em duas camadas, deixando uma abertura e formando uma espécie de cavidade oca de parede dupla, a gástrula. E assim, por multiplicação, invaginação e diferenciação contínuas, ela se desenvolve num conjunto complexo de órgãos e tecidos. A célula germinativa, portanto, simples, transparente e desprovida de qualquer desenho material, trabalha e constrói em obediência exata à ordem imaterial que traz dentro de si — como um servo fiel que sabe de cor a missão recebida e a cumpre, embora não carregue consigo nenhum documento que possa revelar a ordem secreta que recebeu. O plano só se torna visível pela atividade das células incansáveis, e só podemos ver a obra concluída. Além da obra concluída, nada existe.

Nos embriões dos mamíferos, e portanto do homem, o primeiro órgão a aparecer é o coração — ou melhor, aquilo que se tornará o coração: uma vesícula que começa imediatamente a pulsar num ritmo regular, duas vezes para cada batida do coração da mãe. E continuará a pulsar, incansável, pois é o motor vital que permite a formação de todos os tecidos, levando-lhes o alimento de que precisam para viver.

Todo esse trabalho é oculto, e é maravilhoso justamente por ser feito assim, sozinho. É o milagre da criação a partir do nada. Essas células vivas e sábias nunca erram, e encontram em si mesmas a força para transformações de grande alcance: umas se tornam células de cartilagem, outras células nervosas, outras células da pele, e cada tecido encontra seu lugar exato. Essa maravilha da criação é um dos segredos do universo, rigorosamente guardado; a natureza o envolve em véus e invólucros impenetráveis, e só ela pode abri-los quando, enfim, madura e completa, uma nova criatura nasce para o mundo.

Mas a criatura que nasce não é apenas um corpo material. Ela, por sua vez, é como uma célula germinativa, que possui funções psíquicas latentes, de tipo predeterminado. O novo corpo não funciona apenas por meio de seus órgãos; tem outras funções — os instintos —, que não podem residir numa célula, mas num corpo vivo, numa criatura já nascida. Assim como toda célula germinativa traz em si o plano do organismo futuro, ainda que sem sinal visível, todo corpo recém-nascido, de qualquer espécie, traz em si um plano de instintos psíquicos, de funções que o põem em relação com seu ambiente para o cumprimento de uma missão cósmica. E isso vale para qualquer criatura, até para um inseto. Os instintos maravilhosos das abelhas, que as levam a uma organização social tão complexa, só começam a fun-

cionar na abelha, e não no ovo nem na larva. O instinto de voo está no pássaro depois que ele nasce, e não antes. E assim por diante. Essa segunda fase, que diz respeito à vida psíquica em relação a um ambiente livre, está contida na primeira, na vida embrionária que a natureza isola e esconde. De fato, quando a nova criatura está formada, ela é como um ovo espiritual, que traz dentro de si uma orientação misteriosa, da qual resultarão atos, caracteres, trabalhos — em suma, funções que agem sobre o ambiente exterior.

Esse ambiente exterior deve fornecer não só os meios da existência fisiológica, mas também estímulos para a missão misteriosa inscrita em cada criatura que nasce — todas chamadas por seu ambiente não só à vida, mas ao exercício de uma função necessária à conservação do mundo e de sua harmonia. Cada uma segundo sua espécie. O corpo tem exatamente a forma adaptada a essa superfunção psíquica, que deve ocupar seu lugar na economia do universo. Vemos nos animais que essas funções superiores estão presentes nas criaturas desde o nascimento. Sabemos que um mamífero será pacífico porque é um cordeiro, que outro será feroz porque é um leão, que um inseto trabalhará sem cessar, numa disciplina imutável, porque é uma formiga, e que outro não fará mais que cantar sozinho porque é uma cigarra.

Assim, o recém-nascido não é apenas um corpo pronto para funcionar como corpo, mas um embrião espiritual com capacidades psíquicas latentes. Seria absurdo pensar que apenas o homem — caracterizado e distinto de todas as outras criaturas pela grandeza de sua vida mental — fosse o único sem um plano de desenvolvimento psíquico.

O espírito pode estar tão profundamente latente que não se mostra como o instinto do animal, que está pronto para se revelar de imediato em ações determinadas. A ausência de instintos-guia fixos e determinados, como os que os animais possuem, é sinal de uma reserva de liberdade de ação que exige uma elaboração especial, quase como se tivesse de ser criada e desenvolvida por cada indivíduo e fosse, por isso, imprevisível. Há, assim, um segredo na alma da criança, impossível de penetrar a menos que ela mesma o revele, à medida que, pouco a pouco, constrói seu ser. É como na segmentação da célula germinativa, onde não há nada além de um plano invisível e predeterminado, que não há como discernir e que só se manifestará com a criação gradual dos detalhes do organismo. Por isso, só a criança pode nos revelar o plano natural do homem. Mas, por causa da delicadeza de toda criação a partir do nada, a vida psíquica da criança precisa de uma proteção e de um ambiente análogos aos invólucros e véus que a natureza pôs em torno do embrião físico.

O recém-nascido

"Ouviu-se na terra uma voz trêmula. Nunca fora ouvida antes. Vinha de uma garganta que nunca antes se movera.

"Falaram-me de um homem que vivera na escuridão mais profunda; seus olhos nunca tinham visto o menor lampejo, como se ele estivesse no fundo de um abismo.

"Falaram-me de um homem que vivera no silêncio; nem o mais leve som jamais chegara a seus ouvidos...

"Ouvi falar de um homem que realmente vivera sempre debaixo d'água, uma água de estranho calor, e que de repente foi mergulhado numa corrente gelada.

"E ele abriu pulmões que nunca tinham respirado. O ar, de repente, distendeu seus pulmões, que desde o princípio estavam dobrados, e o homem gritou...

"E ouviu-se na terra uma voz trêmula. Nunca fora ouvida antes. Vinha de uma garganta que nunca antes se movera.

"Era o homem que tinha repousado.

"Quem pode imaginar um repouso tão absoluto?

"O repouso de quem nem sequer teve o trabalho de comer, pois outro comia por ele. Todas as suas fibras estavam relaxadas, pois outros tecidos produziam o calor necessário à sua vida. Nem mesmo seus tecidos mais íntimos precisavam trabalhar para se defender de venenos e micróbios, pois outros tecidos trabalhavam por ele. E o oxigênio lhe era dado sem que respirasse — privilégio único entre os seres vivos.

"Seu único trabalho era o do coração, que batia antes que ele existisse. Sim, mesmo quando ele ainda não existia, seu coração batia, no dobro do ritmo de qualquer outro coração. Era o coração de um homem.

"E agora... ele avança. Toma para si todo o trabalho. É ferido pela luz e pelo som, atormentado nas fibras mais íntimas do seu ser, e, ao avançar, dá o grande grito:

"Por que me abandonaste?

"E assim, pela primeira vez, o homem reflete em si o Cristo que morre e o Cristo que ressurge."

O recém-nascido não chega a um ambiente natural, mas ao ambiente civilizado da vida dos homens. É um ambiente "sobrenatural", construído acima da natureza e à custa dela, pelo impulso de obter tudo o que possa ajudar a vida do homem em todos os seus detalhes e facilitar sua adaptação. Mas que providência preparou uma civilização para ajudar o recém-nascido — o homem que precisa realizar o maior de todos os esforços de adaptação, ao passar, pelo nascimento, de uma vida para outra?

A tremenda transição do nascimento exige um tratamento científico do recém-nascido, pois em nenhum outro período da vida o homem encontrará ocasião semelhante de luta e conflito — e, portanto, de sofrimento.

Mas nada se prevê para suavizar essa passagem tremenda. Na história da civilização humana, deveria haver uma página, antes de todas as outras, contando o que o homem civilizado faz para ajudar o recém-nascido. Mas aqui, de fato, a página está em branco.

Muitos dirão que, ao contrário, a civilização se preocupa muito com o recém-nascido.

Como o faz?

Quando uma criança nasce, toda a atenção vai para a mãe. A mãe sofreu tanto.

Mas a criança também não sofreu?

A mãe precisa de cuidados especiais.

Mas a criança também não precisa de cuidados especiais?

O quarto da mãe fica escuro e silencioso, pois ela está exausta.

Mas é a criança quem acaba de chegar de um lugar onde nem o menor raio de luz, nem o menor som, podiam alcançá-la. É para ela, então, que se deveriam preparar a escuridão e o silêncio.

A criança veio de um repouso absoluto e agora precisa, de repente, exercer todas as suas funções.

Ela, portanto, deve estar cansada e exausta.

Sua exaustão não vem apenas do contraste entre dois ambientes opostos; ela acaba de suportar o trabalho exaustivo do parto com seus próprios esforços. Seu corpo foi comprimido, como num moinho, a ponto de deslocar seus ossos. Ela chega esgotada pelo imenso contraste entre o repouso absoluto e o esforço inconcebível do nascimento.

É como um peregrino que vem de muito longe, exausto e ferido. E o que fazemos para recebê-lo, para socorrê-lo em tão grande necessidade?

O médico lança apenas um olhar superficial ao recém-nascido, para ver se está vivo. Como se dissesse: "Está vivo; então deixe-o de lado, não podemos nos ocupar dele agora."

Os pais, ao contrário, contemplam-no com ternura e alegria, e o recebem com o egoísmo de quem se alegra com um presente da natureza: "Que bebê lindo! Nosso filho!"

Todos os que o esperavam estão impacientes para desfrutá-lo, admirá-lo, tocá-lo. O pai vai querer ver a cor dos olhos e tentará abrir as pálpebras da nova criatura, olhando ansioso e sorrindo de alegria ao ver as pupilas que um dia o verão e o reconhecerão.

Mas ninguém vê no recém-nascido o homem que sofre, a primeira imagem de Cristo, pura e incompreendida.

Como o adulto se aproxima do ser que vem do nada e que agora se encontra no mundo com aqueles olhos delicados que nunca viram a luz, aqueles ouvidos que estavam mergulhados no silêncio? Essa criatura de membros torturados que até então nada tinha tocado?

O corpo delicado é exposto ao contato brutal com objetos sólidos; é manuseado pelas mãos sem alma de um adulto que esquece sua delicadeza.

Sim, o recém-nascido é manuseado com rudeza; sua pele delicada é esfregada por mãos pesadas, por panos ásperos.

Na verdade, a família mal ousa tocá-lo, de tão frágil que é; os parentes e a mãe o olham com medo e, por isso, o confiam a mãos especializadas e ficam tranquilos: a consciência encontrou um refúgio onde pode descansar. Ninguém sentirá necessidade de vigiar e proteger aquele corpinho que nunca antes conhecera um toque.

As pessoas perguntarão: "O que deveríamos fazer, então? Alguém tem de tocar o bebê."

Sim, mas essas mãos especializadas que agora o tocam nunca aprenderam a tocar uma criatura tão delicada. São mãos rudes, com a única habilidade de segurar o bebê com firmeza, sem deixá-lo cair. As pessoas pensam que, se o bebê passou pelo nascimento e está vivo, isso basta; tudo o que buscam é que o esforço da existência não se perca. Mas nunca estudaram como se aproximar desse ser delicado.

O médico o pega com rudeza e, quando o recém-nascido dá seu grito desesperado, todos sorriem satisfeitos: é a voz dele. O choro é sua linguagem, e essas coisas lhe são necessárias, para lavar os olhos e distender os pulmões.

O recém-nascido é imediatamente vestido.

Antigamente era envolto em cueiros rígidos, como se estivesse engessado, e seus membros, que desde o início estavam dobrados, eram esticados e fixados com força cruel.

No entanto, não é necessário vestir o bebê, nem logo após o nascimento nem durante o primeiro mês de vida.

Se acompanharmos a história das roupas dos recém-nascidos, encontraremos uma evolução gradual, dos suportes rígidos às roupas macias e leves, com uma diminuição gradual do enxoval. Hoje, de fato, a roupa do recém-nascido está às portas do nudismo. Mais um passo, e ele será deixado nu.

De fato, seria melhor que o bebê pudesse ficar nu, aquecido pelo ar ambiente e não pelas roupas. Ele não tem calor suficiente em si para enfrentar a temperatura exterior, já que viveu até agora no calor do corpo materno. As roupas só podem conservar o calor do corpo, impedindo que se dissipe. Se o quarto estiver aquecido, as roupas se tornam um obstáculo entre o calor do ar e o corpo da criança. Observamos entre os animais que, mesmo quando os filhotes têm pelo ou penugem, a mãe os cobre com o corpo para mantê-los aquecidos.

Não queremos nos deter demais nesse argumento. Certamente, se pudessem falar comigo, os americanos me contariam dos cuidados que se têm com os recém-nascidos em seu país, e alemães e ingleses me perguntariam, surpresos, se ignoro os progressos feitos em seus países nesse ramo da medicina e da enfermagem. E, ainda assim, eu teria de responder que sei de tudo isso e que fui pessoalmente estudar os últimos refinamentos dos cuidados infantis em alguns desses países. E, mesmo assim, tenho de declarar que em toda parte falta aquela nobreza de consciência exigida para receber dignamente o homem que nasce.

É verdade que muito se faz. Mas o que é o progresso senão a tomada de consciência daquilo que antes ignorávamos, um acréscimo ao que parecia completo e até insuperável?

Em nenhum lugar do mundo o bebê é compreendido como deveria.

Gostaria de tocar em outro ponto: o fato de que, por mais que amemos o bebê, temos um instinto de defesa contra ele desde o primeiro instante de sua chegada. Não é só um instinto de defesa, mas um instinto de avareza, que nos faz correr para proteger nossos bens, por

menos valor que tenham. Por exemplo, para que seu colchãozinho miserável não se suje, pomos uma cobertura impermeável entre ele e o corpo do bebê, e deixamos o corpo sofrer as consequências.

A partir desse momento, a mente do adulto seguirá o mesmo ritmo: cuidado para que o bebê não me suje, não me incomode. Defesa. Defesa contra ele!

Creio que, à medida que a humanidade for compreendendo melhor a criança, encontrará métodos de cuidado muito melhores. Só muito recentemente se começou, em Viena, a buscar formas de diminuir o sofrimento do recém-nascido. O pedaço de colchão em que ele cai ao nascer é aquecido, e foram inventados colchões de material absorvente que podem ser jogados fora assim que se sujam. Esses recursos são um prólogo, um primeiro sinal de um fato de imensa importância: a consciência do adulto começa a perceber o bebê.

Mas o cuidado com o recém-nascido não deve se limitar a preservá-lo da morte, a isolá-lo de infecções, como se faz hoje nas clínicas mais modernas, onde as enfermeiras que dele se aproximam cobrem o rosto com máscaras para que os micróbios de seu hálito não o alcancem. Há os problemas do "cuidado psíquico da criança" desde o momento do nascimento — e os das medidas para facilitar sua adaptação ao mundo. Para isso, ainda é preciso fazer experiências nas clínicas e uma campanha nas famílias, para que a atitude em relação ao recém-nascido mude.

Nas famílias ricas ainda se pensa em berços grandiosos e rendas finas para as roupas do bebê. Esse luxo mostra uma completa falta de

consideração pelo ser interior da criança. Para essas crianças privilegiadas, a riqueza deveria ser empregada em conforto, e não em luxo.

Para o bebê, seria um conforto ter um quarto protegido do barulho da cidade, com silêncio suficiente e uma luz que possa ser atenuada e corrigida, como se faz, por exemplo, nas igrejas com os vitrais. Uma temperatura quente e constante, como a que há alguns anos se consegue nas salas de cirurgia, deveria permitir que a criança ficasse nua.

Tradução em andamento: por enquanto, o Capítulo 1 e parte do Capítulo 2. Os próximos capítulos entram aqui assim que ficarem prontos.